



# Extinção do IIE Condenação à morte da novidade educativa?!

Na sequência de um conjunto de medidas de austeridade iniciadas pelo actual executivo toda a sociedade portuguesa foi confrontada no dia 8 de Maio com a publicação de uma lista de institutos e organismos de estado destinados a serem extintos, fundidos ou reestruturados. Entre estes contavam-se três institutos na área da educação — o Instituto de Inovação Educacional — IIE, o Instituto de História da Educação — IHE e o Instituto Nacional de Acreditação da Formação de Professores — INAFOP. Se os dois últimos contam com um tempo de vida relativamente curto, apesar do

trabalho já desenvolvido, o IIE, criado em 1989, no primeiro governo de Cavaco Silva tem um espólio de recursos, experiências e trabalho junto de escolas e professores muito significativo.

A extinção dos institutos com a reserva de que o "Governo pretende salvaguardar o trabalho que estava a ser feito" sem a definição de como se pretende dar continuidade às funções que vinham desempenhando, é algo, por si só, preocupante.

A metodologia de extinção, ou seja, a "presidente do IIE foi apanhada de surpresa pela notícia: 'Soube pelos jornais'", e de que ao presidente do IHE a "notícia também chegou pela imprensa", são indicadores de que algo há a questionar. Como medidas puramente economicistas, quando os orçamentos dos referidos institutos são ridículos, não parecem decisões ajustadas. Tentemos problematizar, então, os objectivos para que estas instituições foram criadas. O IIE criado durante o primeiro governo de Cavaco Silva tinha, com toda a certeza, objectivos que do ponto de vista político não deveriam ser questionáveis no actual contexto político. Se a sua extinção se devesse ao facto de não estar a cumprir as finalidades da sua criação e estas se reconhecem como importantes, então deveria ter havido uma particular atenção em atribuir as funções a outra instituição que desse cumprimento aos objectivos definidos. Não parece ser o caso. Teremos que concluir que os objectivos definidos para estas instituições deixaram de fazer sentido. Desenvolver e apoiar projectos de inovação e proceder à sua divulgação, bem como publicar estudos e investigações no campo educativo deixaram de constituir objectivos a atingir. As restrições do

que já foi iniciado nesta área, ainda frágil, terão consequências inimagináveis.

A tendência parece acentuar-se no isolamento e individualismo do trabalho dos professores com implicações nefastas em termos de desenvolvimento profissional e no ganho de conhecimento em educação.

Em relação ao espólio, um centro de recursos em educação, único no país, pela sua actualidade, pelo conteúdo e acessibilidade e às dinâmicas já iniciadas - "actualmente estavam a decorrer alguns concursos cujo futuro, para já, o ME desconhece" - ignora-se o destino. O mesmo acontece em relação ao know how acumulado ao longo dos anos de actividade, provavelmente um dos bens menos visíveis mas de valor inestimável.

Tudo leva a crer que se estão a definir outros objectivos para a educação no País que, à falta de coragem de os assumir, não são explicitados.

Parece acentuar-se a tendência de encontrar formas de dominar a formação e informação de todos e controlar as opiniões.

Em consequência desta medida extremamente preocupante, o cenário é de recusa da educação como formação e toma as cores do que de mais retrogrado pensávamos já não existir na sociedade portuguesa.

Elisa Figueira  
Esc. Sec. D. Luísa de Gusmão  
Helena Amaral  
EB 1 n.º 124, Lisboa  
Maria José Bóia  
EB Prof. Noronha Feio



Três inst da educação  
IIE, IHE e INAFOP SACRIFICADOS  
Estruturas internas dos ministérios vão absorver o trabalho que estava a ser feito  
BARBARA WONG  
Dois dos quatro institutos que o actual Ministério da Educação (ME) tutelava vão ser extintos: o Instituto de Inovação Educacional (IIE) e o Instituto Histórico da Educação (IHE). Também o Instituto Nacional de Acreditação da Formação de Professores (Inafop), herdado pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior, vai ter o mesmo destino. Contudo, o Governo pretende salvaguardar o trabalho que estava a ser feito. Ontem de manhã, Maria Emília Broderick dos Santos, presidente do IIE, foi apanhada de surpresa pela notícia: "Soube pelos jornais". Embora estivesse demissionária,

in Público, 9 de Maio de 2002.